

CONTADOR DE HISTÓRIAS – TEXTO, CORPO E VOZ, EM PERFORMANCE

Maria Claurênia Abreu de Andrade Silveira¹
Marineuma de Oliveira Costa Cavalcanti²

Este texto refere-se à atuação de contadores de histórias tradicionais, aqueles que construíram o seu repertório, principalmente através dos recursos da oralidade, do ouvir outros contadores e que atualiza o seu repertório contando para outras pessoas. As pontuações apresentadas apoiam-se, principalmente, em pressupostos teóricos de Zumthor (1997; 1993), no que toca à oralidade e, especificamente à vocalidade que caracteriza a expressividade da voz e envolve o texto oral dito, representado, em participação com os ouvintes, em situação de performance. Observa-se o contador de histórias, na sua capacidade de transmitir os contos, de ser ouvido. Menciona-se também a recepção daqueles que participam, com o contador, da ação de contar que favorece a manutenção do seu repertório e da tradição de contar/ ouvir. Referenda-se o diálogo que se revela possível nas ações de dizer e de ouvir dizer, envolvendo contadores e ouvintes, na permanência da produção oral dos contadores de histórias.

Sobre a tradição de contar histórias

Quando se faz referência ao ato de contar histórias, prevalece a predisposição de trazer à memória alguém que detém um repertório de textos, aquele que sabe lidar com a palavra contadora, que pode entreter uma audiência em sua volta com relatos interessantes, envolventes. Um contador tradicional³ é reconhecido por deter um saber que não pertence só a ele, mas a toda a comunidade onde ele está inserido e que reconhece esse saber como uma expressão especial. A sua arte de contar não se realiza no isolamento e, para ser exercida, na sua especificidade, necessita de atenção, de proximidade, de escuta, de troca.

As pessoas que se reúnem em torno do contador para ouvi-lo contar dispõem-se no espaço da performance⁴, permitindo que o contador exerça lugar de destaque. Todos os presentes postam-se em torno do contador, ou se não, voltados para ele. A relação é de troca do contador com o grupo que tende a distribuir-se no espaço em que a performance acontece, de maneira a poder não só ouvir mas também ver quem usa da palavra.

Participar de uma performance pressupõe estabelecer as condições de uma conversa, de uma troca de ideias, de compartilhar experiências. Ouvir contar histórias revela-se como um acontecimento que enseja a presença integral principalmente de quem conta em relação aos que ouvem. Mesmo a conversa sendo de todos, sendo dada a palavra a quem quiser e se considerar capacitado a fazer uso dela, ao propor contar uma história e o consenso daquela assembleia permitir que aquele seja o conto apresentado, passa a valer a palavra do contador. Quem preside a reunião é o contador. Dele é a palavra, por ele passam as palavras dos demais.

¹ Universidade Federal da Paraíba/Centro de Educação e Programa de Pós-Graduação em Linguística - Proling. João Pessoa, Paraíba, Brasil. *E-mail:* claurenia@gmail.com.

² Universidade Federal da Paraíba/Centro de Educação/Mestrado Profissional em Letras – Profletras PB. João Pessoa, Paraíba, Brasil. *E-mail:* marineumaoliveira@gmail.com.

³ Contador tradicional refere-se àquele que, no curso da sua vida, construiu um repertório a partir, principalmente de ouvir contar e atualiza esse repertório e suas formas de narrar nas oportunidades de trocar textos, ouvindo e contando histórias.

⁴ A performance, segundo Zumthor (1993), revela-se no diálogo entre o intérprete e o ouvinte-espectador, como acontece em uma reunião de um contador de histórias com o seu público, interagindo na recriação das narrativas apresentadas.

Ao iniciar a narrativa, ele procura adequar-se às circunstâncias do contar. Sabendo que o contar é via de mão dupla composta por quem fala e quem ouve, fica a postos ante o narrar, adequa a postura física, o gestual, a entonação da voz à narrativa que se avizinha e que passa a reconstruir: “Eu vou contar uma história, mas uma história muito bonita que aconteceu faz muito tempo...” O que vem à tona, de alguma forma, diz respeito a todos os presentes. Os fatos são apresentados, discutidos, acrescentam-se outros fatos aos anteriores. As narrativas constituem um fio condutor da conversa e vice-versa. Dá-se uma complementação, uma vez que uma história traz os exemplos do que foi falado anteriormente, em outras situações e, por sua vez, o que é mencionado na história é ponto a ser lembrado e discutido na conversa.

Um contador tradicional nem sempre inicia a narrativa utilizando a fórmula “era uma vez”, como registram algumas versões impressas dos contos de fadas⁵. Mas, a entonação e o ritmo da voz, convidam a ouvir contar. No início da história, um tom mais grave, voz pausada, um ritmo mais lento e marcado, é utilizado pelo contador, como se estivesse dando tempo não só para ele, mas também para seus ouvintes “entrarem” na história. Implicitamente, o contador convida os presentes para ouvir contar, para interagir com ele na troca de experiências, de informações. Estabelece com essa postura a mudança do tempo da conversa, do dizer⁶ para o tempo da narração, do contar. A situação inicial que se desenha, as primeiras personagens anunciadas são definidas quase em tom de oração. O falar assume os ditames do contar e, em função da história, modula-se a voz para melhor representar as personagens do conto. Os ritmos sucedem-se dando a tonalidade à história que o contador com sua experiência e criatividade percebe e demonstra como sendo a mais adequada às circunstâncias do contar. Aqui está incluída a interação com os ouvintes, parte integrante e indissociável da performance. A voz reveste-se de mistério acenando para as surpresas que a história guarda e que, de acordo com a concepção de Michel Hindenoch (1997, p. 55), exhibe essa força da palavra contadora: “A voz é o mistério cuja pujança verificamos a cada dia. É uma das maneiras mais extraordinárias de encontro, de troca, de sedução, de partilha”⁷.

O contador perscruta os ouvintes enquanto narra a história. A sua atenção divide-se entre a história e ao mesmo tempo os ouvintes. O bom contador de histórias sabe fazer sua voz deslizar no fio do próprio olhar, como afirma com propriedade Ellie Bajard (1994, p. 100). O olhar do contador atua também no sentido de perceber o efeito da história sobre os ouvintes. Faz-se necessário perceber a disposição dos ouvintes para ouvir contar. Por se tratar de uma performance oral, mesmo não usando da fala, os ouvintes, participantes, sinalizam com a expressividade do olhar, em interação com o contador, por vezes buscam complementar uma frase, rever uma sequência narrativa. O “clima” do contar se estabelece gradativamente, à medida que a história vai sendo recriada pelo contador, dentro de uma relação de integração com seus ouvintes. A voz do contador passa a ser a voz da comunidade. A sua palavra recria a história, revive o cotidiano através da imaginação.

Essa voz que conduz a narrativa também busca eleger o assunto mais palpitante, comentar o cotidiano nas trilhas das personagens, nos espaços e costumes veiculados durante a narração. Temáticas vão sendo acomodadas nos desvãos e nas entrelinhas das histórias contadas para muitas vezes ressurgirem nas conversas que o contar vai suscitando. As histórias propriamente

⁵ Para Catherine Velay-Vallantin (1992, p. 38), são considerados contos de fadas as histórias publicadas por Perrault, Andersen e pelos irmãos Grimm.

⁶ Ellie Bajard (1994) estuda o dizer e o narrar como prática de expressividade. A conversa do contador estaria mais voltada ao dizer, à informação.

⁷ No original: “La voix est mystère dont nous vérifions chaque jour la puissance. C’est un des mohines les plus étonnantes de reencontre, d’ échange, de séduction et de partage”. Tradução nossa, também em todas as citações traduzidas neste texto.

ditas podem constituir espaços de aprendizagem. Nas informações que são trocadas, nas discussões que se acaloram são colocados os saberes da comunidade, os dados culturais conhecidos e vivenciados. Integrado a essas vivências comunitárias, é oferecida a oportunidade de ouvir contar, de conviver com um repertório de histórias que também são compartilhadas.

O gesto também produz sentido

Um contador de histórias compõe a sua história utilizando os fatos do cotidiano, mostrando-se inteiro em corpo e voz⁸. A oralidade de que se compõe a narrativa é revelada na postura do contador. Segundo Zumthor (1997, p. 203): “A oralidade não se reduz à ação da voz. Expansão do corpo, embora não o esgote. A oralidade implica em tudo o que, em nós, se endereça ao outro: seja um gesto mudo, um olhar”. Na performance, o contador exercita o que este autor denomina de “estruturação corporal”, tudo o que é específico da poesia oral, incluindo o olhar, o gesto, o que comporiam a “gestualidade”. O corpo do contador integra-se à voz, realizando os gestos indispensáveis à expressão da arte de contar.

Contar histórias, tradicionalmente, é uma atividade desenvolvida, geralmente, com as pessoas sentadas. Inclusive o contador, que dessa forma se posiciona na mesma altura dos seus ouvintes, podendo interagir melhor com eles. Permanecendo sentado, ele tem os movimentos limitados à parte superior do corpo, o que concentra a gestualidade principalmente nas mãos⁹. Os movimentos de corpo inteiro são apoiados no local onde está sentado. Mesmo contidos pela posição sentada, os gestos não deixam de se alargar e procurar expressar o que está sendo narrado. A cena inclui os participantes da performance que veem no contador o desenrolar da história. Hindenoch (1997, p. 49) complementa esse posicionamento quando afirma que “o ouvinte (...) tem o olhar sonhador uma vez que ‘vê’ o que está sendo dito”.¹⁰

Segundo Zumthor (1997, p. 203), a competência de um artista da palavra integra-se a um modelo gestual, uma vez que, na performance, gesto e enunciado estão em permanente associação. O gesto enriquece a palavra, ampliando os seus significados. Em determinados momentos da narração, o gesto substitui a palavra. O que é dito com as palavras é reforçado com o gestual. Os gestos animam o conto; dão ênfase à narrativa. O contador, ao reviver a história, o faz de corpo inteiro e o seu gestual tem a intenção também de colaborar na clarificação dos detalhes da narrativa, tornando mais expressivos os momentos mais importantes da história e ao mesmo tempo revelando o talento do contador. Se a história chama a atenção dos ouvintes, o gestual apropriado mantém a concentração.

O contar toma corpo na voz do narrador que torna presente no gesto a ação que ele deseja representar. O gesto, como a história que o contador ajuda a compor, revela a um só tempo a fugacidade da palavra dita e a permanência na memória da ação do contar. Zumthor (1997, p. 207) explica que “o gesto gera no espaço a forma externa do poema”. A criatividade do contador revela-se também na capacidade que ele demonstra na utilização do gesto na performance.

A voz sem gestos perde em capacidade de representação. O gestual empresta à performance o seu caráter teatral. O ouvir sem ver tiraria daquele que participa como ouvinte a oportunidade de integrar sentidos que ampliam o espaço imagético do conto, completando a sua rede de significações. O fato de uma performance de um contador tradicional se apoiar principalmente na interação com seus ouvintes, na conversa informal, retira a possibilidade de o contar se dar sem a visualização mútua dos participantes – contador e ouvintes participantes.

⁸ Segundo Sorin-Barreteau (1982, p. 37), é específico da literatura oral uma receptividade a tudo o que se refere à performance do contador: gestos, mímicas, entonação, ruídos, silêncios, reações do público.

⁹ Em Silveira (1998, p. 45) descreve-se a gestualidade na performance de um contador de histórias.

¹⁰ No original: “L’auditeur (...) a le regard reveur lorsqu’il ‘regarde’ ce qui est dit”.

A performance acontece em um espaço determinado. As atenções convergem para o contador que transforma o contar em ritual, em oportunidade de formalizar posicionamentos e, juntamente com seus ouvintes, produzir sentidos.

Em um encontro onde o contar toma espaço, o contador vai compondo o repertório a partir do pedido do ouvinte. Esse é também momento das discussões sobre as coisas do cotidiano. A conversa oferece o motivo que a história contada exemplifica, ampliando as possibilidades de ver a questão por outros ângulos.

A título de conclusão

O contar veicula não só o enredo da história, mas também todo um saber comunitário que subjaz nas entrelinhas da narrativa. Fatos relacionados a aspectos culturais da comunidade encontram nas narrativas um veículo para a sua manutenção. O fato de o contador ser parte do grupo de pessoas ao qual conta suas histórias lhe empresta segurança para que ele possa exercer o papel de porta-voz do seu grupo social, reforçando, com as suas narrativas, valores comuns a todos do grupo. O ato de narrar reconstrói um saber que é de todos; empresta significado mais profundo aos acontecimentos veiculados na narrativa que podem ser aqueles do seu cotidiano.

Os ouvintes possibilitam a ampliação do repertório do contador. Quando uma história mencionada no grupo presente à performance não faz parte ainda do acervo do contador, é o ouvinte que lhe apresenta sequências narrativas de que é formada. Uma vez de posse dessas informações, o contador, utilizando a sua capacidade de recompor a narrativa, apresenta a sua versão da história. A leitura de mundo dos envolvidos no processo colabora nessa transformação. Recontando a história para os ouvintes, o contador recria, dá vida às personagens, empresta colorido aos textos, revê as coisas do cotidiano. A tradição conserva-se na troca de narrativas que segue o ritmo da memória e da oportunidade de fazer-se ouvir.

Integrantes da performance, os ouvintes reconhecem no contador, através da sua arte do contar, o papel social que ele representa. Através da palavra, o contador estabelece a relação de intercâmbio entre saberes comunitários e particulares, do próprio contador como pessoa que convive com o grupo e participa do seu cotidiano. No contar/ouvir histórias compartilham-se experiências que transcendem as histórias. O que é dito através da narração revela uma nova maneira de dizer o já sabido.

Como o poeta popular, o contador de histórias desempenha na sua comunidade um duplo papel: de levar sua arte para o povo ao mesmo tempo em que reelabora no contar as informações que recebe daqueles com quem venha a conviver. Saber contar histórias e ser reconhecido pela comunidade como bom contador lhe garante um papel específico no grupo. Ele detém uma arte: a arte da palavra.

Para Benjamin (1985, p. 221) há uma importância visceral na arte de contar, uma vez que a narrativa é construída com a vida que pulsa em cada um de nós. E o autor se questiona: “(...) a relação entre o narrador e sua matéria - a vida humana – não seria ela própria uma relação artesanal. Não seria sua tarefa trabalhar a matéria-prima da experiência – a sua e a dos outros – transformando-a num produto sólido, útil e único?”

Assim é a palavra contadora: feita de aprendizagens, da relação humana de saberes e de vivências múltiplas, enriquecida pela experiência de viver e de recontar a vida.

Referências

BENJAMIN, W. **Magia e técnica, arte e política**. Ensaios sobre literatura e história da cultura. Tradução Sérgio P. Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1985. (p. 197-221). (Obras Escolhidas, 1).

BAJARD, E. **Ler e dizer** – compreensão e comunicação do texto escrito. São Paulo: Cortez, 1994. (Questão da Nossa Época).

CALAME-GRIAULE, G. (edit.). **Le renouveau du conte**. [The revival of storytelling]. Paris: CNRS, 1980.

HINDENOCH, M. **Conter, un art?** – propos sur l'art du conteur. [S. l.]: La Lupiote Ed. (Tapage de conteurs, écrit et crac, n. 1), 1997.

SILVEIRA, M. C. **O carretel da memória**: histórias fabulosas de um contador paraibano. João Pessoa: Universitária, 1998.

SORIN-BARRETEAU, L. Gestes narratives et langage chez les Mofu (Nord-Cameroun). **Cahiers de Littérature Orale**, Paris: Langues'O Conteurs, n. 11, p. 37-91, 1982.

SISTO, Celso. **Textos e pretextos sobre a arte de contar histórias**. 3. ed. rev. e ampl. Belo Horizonte: Aletria, 2012.

VELAY-VALLANTIN, C. **L'histoire des contes**. [S. l.]: Fayard, 1992.

ZUMTHOR, P. **Introdução à poesia oral**. Tradução Jerusa Pires Ferreira; Maria Lúcia D. Pochat; Maria Inês de Almeida. São Paulo: Hucitec, 1997. (Linguagem e Cultura, n. 28).